Ano XIX — Lisboa, Julho de 1963 — Nº 219

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 676607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

A situação presente da A. E. P. é sem dúvida muito difícil, mas está longe de ser desesperada. Dispõe-se ainda dos meios suficientes para a fazer evoluir no bom sentido, e assim sucederá, se as acções a tomar forem, de facto, a resultante de esforços convergentes — disse o sr. Comandante David de Carvalho, Escoteiro-Chefe-Geral, na entrevista que nos concedeu



Iniciámos, em tempos, uma série de entrevistas com dirigentes escotistas. O êxito que alcançámos com essa iniciativa, que obteve o aplauso geral dos elementos escotistas responsáveis, dado o valor das observações e críticas que tivemos o ensejo de inserir nas nossas colunas, anima-nos a insistir na empresa, atentos aos superiores interesses do movimento que servimos.

Dentro dessa linha de conduta, resolvemos, desta vez, aproveitar o momento especial que atravessa a nossa Associação para escutarmos o sr. comandante David de Carvalho, o ilustre oficial que, há alguns meses, assumiu o cargo de Escoteiro-Chefe-Geral.

Não podíamos ter sido mais bem sucedidos nesta decisão. O sr. comandante David de Carvalho, assim que soube das nossas intenções, imediatamente se dispôs a atender-nos, apesar de, não só o seu lugar na nossa Associação, mas sobretudo as elevadas funções da sua vida oficial, lhe absorverem quase todo o tempo.

Foi com toda a solicitude que o sr. Escoteiro-Chefe-Geral acedeu a ouvir a nossa primeira pergunta:

Qual a sua opinião sobre as possibilidades presentes da A. E. P. como base para um trabalho de recuperação?

— Não se ignora, por certo, que a situação da A. E. P. é presentemente muito difícil, mercê de múltiplos factores que não interessa referir aqui. Os males vêm de longe e têm-se agravado progressivamente, devido a um grande desinteresse e muita incompreensão, com tendência infelizmente para se generalizarem.

«Por este motivo, os problemas multiplicaram-se, como é natural, e muitos deles tornaram se bastante complexos.

«Nestas circunstâncias, não serão agora as decisões da Direcção, por mais avisadas que elas sejam, que resolverão os problemas de fundo, se todos os Escoteiros — ou pelo menos os que têm maiores responsabilidades — não estiverem inclinados a prestar uma colaboração decidida e continuada, no sentido de se dar execução às soluções que se mostrarem mais convenientes.

«Torna-se portanto indispensável que todos aqueles que ainda se interessam pelo Escotismo adquiram verdadeira consciência das dificuldades existentes, das suas causas e implicações, porque só a partir desta posição será possível assegurar-se uma análise esclarecida que facilite soluções adequadas.

«Nestes termos, tenho para mim que os factores positivos existentes só se traduzirão em possibilidades de recuperação, se for possível gerar-se um movimento de interesse geral e de decidida colaboração na tarefa que incumbe à Direcção da A. E. P.

«Não será fácil consegui-lo, mas tenho fundadas esperanças que, com bom senso e um pouco de tolerância, se caminhará com firmeza no sentido desejado.

«Resumindo, poderei sintetizar a resposta à sua pergunta desta maneira: A situação presente da A. E. P. é sem dúvida muito difícil, mas está longe de ser desesperada. Dispõe-se ainda dos meios suficientes para a fazer evoluir no bom sentido, e assim sucederá, se as acções a tomar forem, de facto, a resultante de esforços convergentes.»

Pensa levar a cabo qualquer iniciativa tendente a elevar o nível técnico dos nossos grupos de escoteiros?

— É obvio que a elevação do nível técnico dos nossos grupos está directamente relacionada com a aptidão dos seus chefes. Portanto, se as actividades dos grupos — dos pontos de vista que interessa considerar — forem orientadas de forma conveniente o seu nível técnico terá que ser necessàriamente elevado.

«Ao equacionar-se o problema, terá portanto que tomar-se em consideração, nomeadamente, a capacidade técnica dos Chefes dos Grupos, os meios materiais disponíveis e a existência de dirigentes qualificados para supervisarem a acção dos Chefes dos Grupos.

——→

A entrevista do Comandante David de Carvalho

«Relativamente ao primeiro dado do problema — Chefes de Grupos — constata-se a necessidade imperiosa de formar chefes em número elevado, não só para dirigir grupos que deles carecem e outros que venham eventualmente a criar-se, como para substituírem actuais chefes que, por circunstâncias várias e perfeitamente justificadas, pretendem retirar se.

«No que se refere aos chefes de escalão superior, indispensáveis para apreciarem a orientação imprimida pelos Chefes dos Grupos, as dificuldades são ainda maiores, como é do conhecimento geral.

«Para resolver tão angustiosa situação é indispensável que a extraordinária dedicação e competência daqueles que se empenham em o conseguir sejam correspondidos com interesse e igual dedicação.

«Os resultados obtidos não são encorajadores, mas persistir-se-á com o mesmo entusiasmo.

«No que respeita aos meios materiais, não se poderá dizer que são suficientes, mas, a despeito de várias contrariedades, espera-se poder dotar em breve os grupos mais necessitados com o material indispensável. Pelo menos, trabalha-se nesse sentido.

«Por outro lado, estamos empenhados em actualizar publicações já existentes e na tradução de outras, adaptando-as convenientemente, com vista a uma larga divulgação.

«É também um trabalho que se apresenta cheio de dificuldades, não só porque tais publicações deverão caracterizar-se pela simplicidade e clareza, para serem atraentes e despertarem portanto o apetecido interesse, mas também por implicar despesas que a nossa capacidade financeira não suporta fàcilmente.

«Apesar de tudo, a tarefa já se iniciou e esperamos poder imprimir-lhe a indispensável continuidade.»

Que pensa da hipótese de serem criados novos Grupos de escoteiros em sectores diferentes daqueles utilizados para esse efeito e em regiões onde, até agora, nada se tem realizado nesse aspecto?

— Penso que a ideia é esplêndida, sob todos os aspectos, e por isso inte ramente desejável.

«Repare, porém, que até agora só temos referido a existência de dificuldades de vária natureza, que condicionam fortemente a criação de Grupos n s condições que indica, e a maior é sem dúvida a que respeita à carência de elementos dirigentes.

«Como havemos nós de dotar esses novos Grupos de chefes, se não possuímos sequer os indispensáveis para substituir alguns que, pela idade ou por razão de ordem particular, pretendem retirar-se da actividade?

«E é pena que assim seja, porque já se nos deparou a possibilidade de criarmos novos grupos e em condições particularmente vantajosas não só do ponto de vista de amb ente favorável à formação escotista, como de instalações e de outros meios materiais.

«O assunto foi abordado, embora superficialmente, mas voltará por certo a sé lo em futuro próximo, com maior profundidade. Por agora só posso adiantar que tudo se fará para que se não perca uma oportunidade única de valorizar o movimento.

— Não seria o escotismo marítimo uma modalidade capaz de entusiasmar os nossos caminheiros?

— Estou firmemente convencido que se trata de uma modalidade de escotismo que reúne condições excepcionais para atrair os rapazes.

«A propósito, dir-lhe-ei que uma das mais interessantes directivas do nosso ilustre Presidente diz respeito à adopção de medidas tendentes a desenvolver nos grupos um certo número de actividades que, pelas suas características especiais, e a par das normais actividades escotistas, estimulassem o interesse e o entusiasmo dos rapazes.

«Estão naturalmente indicadas, desde já, certas modalidades desportivas, não só por constituí em elementos fundamentais no desenvolvimento físico dos rapazes mas também por serem do seu agrado.

«No sentido de dar realização àquela directiva, procurou-se interessar os elementos directivos dos grupos na prática dos desportos mais aconselháveis. A ideia tem sido recebida com vivo entusiasmo, muito maior do que era lícito prever, visto se poder registar o facto de alguns Grupos terem já passado à fase de acção. Ora como o escotismo marítimo está por natureza ligado aos desportos náuticos, a sua organização em moldes apropriados resolverá um duplo objectivo.

«Mas se esta modalidade escotista possui tão apreciáveis características, perguntar se-á por que razão ela se não tem desenvolvido entre nós?

«Afigura-se-me que a resposta se encontrará fàcilmente nas considerações anteriormente produzidas a propósito da crise que o Escotismo atravessa.»

Tenciona promover quaisquer actividades no âmbito das comemorações do Jubileu da Associação dos Escoteiros de Portugal?

— Sim.

«Justifica-se, por todos os motivos, que as comemorações correspondam à importância do acontecimento.

«Chegou-se, porém, à conclusão, que não era aconselhável levar a cabo determinadas cerimónias por implicarem gastos que a Direcção da A. E. P. não pode suportar sem sacrifício de certas medidas de natureza administrativa, cuja execução imediata se impõe.

«Assim, pela força das circunstâncias, os actos comemorativos do Jubileu têm que ser reduzidos, pelo que não poderão ter, no seu conjunto, o relevo que mereciam.

«Procurar-se-á, no entanto, que as cerimónias a realizar se revistam da maior dignidade como o exige tão relevante acontecimento da vida escotista nacional.

«Como o programa ainda está na fase de estudo, seriam prematuras quaisquer referências mais detalhadas sobre o assunto»

Agradecemos as largas considerações do sr. Escoteiro Chefe-Geral, comandante David de Carvalho, que nos dão o convencimento de que os problemas do movimento estão a ser devidamente estudados e nos revelam a existência de um plano para os solucionar. Oxalá a Direcção possa encontrar os meios necessários à concretização dos seus projectos.

Ao retirarmo-nos, o sr. comandante David de Carvalho ainda nos declarou:

— Estou muito grato ao «Sempre Pronto» pela atenção que teve comigo. Oxalá que esta troca de impressões possa contribuir para o esclarecimento da situação da A. E. P. Se o conseguir, ter-se-á prestado um grande serviço à causa do Escotismo.

Da Região da Madeira

Passagem no Funchal do Sr. Albano da Silva, Secretário-Geral da A. E. P.

No dia 24 de Maio, passou nesta cidade, a bordo do paquete «Funchal», com destino a Canárias, o Sr. Albano da Silva, distinto Secretário-Geral da A. E. P. Foi recebido pelo Chefe e Chefe ajudante do Grupo n.º 42, em reorganização, Srs. José Serafim Fernandes e António Emanuel Pestana, respectivamente. Durante a sua curta permanência, tomou conhecimento e trocou impressões acerca dos trabalhos inerentes à reorganização do Grupo n.º 42. Como estaria de passagem de regresso, no domingo seguinte, foi organizado um passeio no qual tomaram parte o Sr. Albano da Silva, Sr. Serafim Fernandes, Sr. Pestana, e Chefe de Clã Sr. Fernando Bettencourt. O ilustre visitante apreciou do alto do Pico dos Barcelos o magnífico panorama sobre a cidade e a caravana dirigiu-se à Eira do Serrado onde foi admirada uma das mais soberbas vistas sobre o Curral das Freiras. Visitou ainda a pitoresca região do Monte, regressando depois a bordo e confessando-se encantado com as maravilhas que acabava de apreciar.

Queremos aproveitar esta oportunidade para agradecer a sua interessante quão útil visita e apresentar em nosso nome e no de todos os escoteiros da Região da Madeira, os nossos cumprimentos e votos de muitas prosperidades. — *C.*

Este número foi visado pela Comissão de Censura

FILATELIA

Selos para crianças enfermas

O Sr. Rev. T. A. O'Neil pede selos usados para serem distribuídos por crianças hospitalizadas. Já lhe foram enviados diversos através da Fraternal, tendo aquele ministro ficado muito grato. O nosso correspondente propõe-se também oferecer selos ingleses para crianças igualmente hospitalizadas.

O seu endereço é Clewver House. Callis Court Road. Broadstairs. Kent, England.

* * *

O Sr. Capitão Marques Lourenço, A. Almirante Reis, 246 r/c, Lisboa 1, está interessado na aquisição de sobrescritos de 1.º dia da temática escoteira.



11-12. A LUTA DO ULTRAMAR, pelo Doutor Antero de Seabra, Tomos II e III. Lisboa. s. d. Ilustr.

Constituem estes dois pequenos volumes, como os anteriores já aqui referidos, várias séries de palestras radiodifundidas pelo A. e que têm por objectivo divulgar factos históricos e sociais do Ultramar português. O tomo II é dedicado a Angola, de que na 1.ª palestra do mesmo se historiam as armas, com farta cópia de dados históricos, fazendo o A. na 2.ª palestra a expos ção da forma científica como se ocupou o Ultramar, tudo acompanhado de numerosas ilustrações e desenhos complementares da sua exposição.

O tomo III é todo votado a Moçambique e inicia-se com a palestra em que o A. descreve e explica as armas daquela Província. Segue-se outra em que faz a justificação da mudança do nome do antigo Ministério das Colónias para Ministério do Ultramar, reproduzindo trechos do discurso do Ministro Sarmento Rodrigues e de relatos da Imprensa referentes à entrevista concedida pelo Ministro, seguindo-se uma série de respigos dos jornais referentes a Angola e Moçambique, com descrições de costumes, hábitos e actividades dos indígenas, tudo acompanhado de numerosas gravuras e desenhos que esclarecem os textos. Concluí este tomo com um breve artigo do Prof. Dr. Silva Rego, director do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, acerca de «Goa testemunho de Portugal».

Estas palestras são entremeadas com estâncias dos *Lusíadas*, de que o A. faz a paráfrase em prosa, o que, pela forma como se encontra integrado nos volumes com paginação própria e em separado do texto, provoca confusão no leitor não iniciado. Seria aconselhável que, à semelhança do que o A. fez com o curso de Linguística, a publicacão se fizesse em separado, assim se facilitando a leitura e a consulta.

Algumas das afirmações do A. devem ser consideradas com reserva, se atendermos a que o entusiasmo patriótico, por muito respeitável que seja, nem sempre é bom conselheiro (e Herculano disse-o superiormente há mais de um século). Seria ocioso aqui respigar esses passos, porque a sua discussão me levaria longe e não posso abusar do espaço que gentilmente me é concedido, pelo que me referirei apenas ao que o A. escreveu a pág. 239 (tomo II) ao chamar aos *Lusíadas* «o maior monumento literário da Humanidade», exagero de que logo se dá conta quem conhece as grandes epopeias da Antiguidade oriental e clássica. Modestamente contentemo-nos em considerá-los «o maior monumento da Literatura Portuguesa» e já não será pouco.

13. A COLABORAÇÃO DA MULHER NA REVELAÇÃO DIVINA, por Eduardo Moreira e Jorge César Mota. s. l. 1963. 17 págs.

É de lamentar que num país, como o nosso, em que existiu uma coorte muito numerosa de escritores hebreus e hebraizantes e em que ainda há hoje cultores da língua bíblica, os estudos acerca das letras hebraicas sejam tão escassos que apenas os eruditos (*et pour cause!*) dão por eles. Que me recorde, e da autoria dum escritor leigo e publicado neste século, apenas conheço o magnífico estudo de Basílio Teles acerca de *O Livro de Job* (que passou despercebido da crítica, mesmo da especializada), cuja tradução aquele erudito pensador fez. É, de facto, duma pobreza mais do que franciscana a nossa estante de estudos bíblico-literários, pelo que foi com alvoroço e surpreza que recebi e logo li o folheto cujo título encabeça esta nótula. Com efeito, ele é constituído por três belíssimas traduções em verso feitas das línguas originais, d'*O Canto de Débora* (Juízes, V, 2-31), *O Cântico de Ana* (I Sam. 2: 1-10) *O Cântico de Maria* (Luc. 1: 46-55), devidas ao Rev. Jorge César Mota, a quem felicito vivamente pela energia, equilíbrio e beleza das suas versões, que ficarão a destacar-se no escasso acervo de traduções portuguesas de poesias hebraicas.

As três magníficas versões são precedidas dum breve mas substancioso ensaio do Rev. Eduardo Moreira, que, com a sua vibração costumada e a sua habitual elevação literária, foca as três fases por que se caracteriza a colaboração da Mulher na Revelação, ou seja a Madrugada (Débora), a Manhã (Ana) e o Dia-claro (Maria).

Se o ensaio do Rev. E. M. apenas o podem compreender no seu alcance os crentes de qualquer confissão cristã, o trabalho do Rev. J. C. M. está ao alcance dos estudiosos e amantes das Belas Letras, pelo que bem desejaria eu que a sua divulgação pudesse vir a constituir ponto de partida para o renascimento dos estudos bíblico-literários, ainda lamentàvelmente fixados dentro dos limites estreitos dos Seminários.

O RATO SÁBIO

N. da R. — *Nesta secção faremos referência a todas as obras literárias de que nos sejam enviados dois exemplares.*

DOS AÇORES

Grupo n.º 52 — Angra do Heroísmo

Comemorações do dia de S. Jorge

Este Grupo comemorou o Dia do Escoteiro com várias actividades, começando com uma palestra pelo chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva, aos microfones do Rádio Clube de Angra.

Na sede, realizou-se a reunião mensal do Grupo, dedicada à «Fraternidade Escotista», com a presença de membros da Comissão de Patrocínio e várias visitas, entre as quais a do chefe António Amorim, do C. N. E. que há muito convive com os componentes do 52, e veio propositadamente para cumprimentar o chefe Moniz Silva.

Do programa constaram canções, anedotas, recitações, etc., tendo usado da palavra o chefe Moniz Silva e o Secretário do Grupo, prof. Leopoldino Tavares.

Compromisso de Honra

No Domingo, 28 de Abril, antes da missa das onze, realizou se na igreja paroquial de Santa Luzia, perante o Chefe Moniz Silva, o Compromisso de Honra dos seguintes elementos do Grupo 52 da A. E. P., de Angra do Heroísmo: — ESCOTEIROS: Henrique A. Luís, Manuel do Carmo, Joaquim do Carmo, Dinis G. Almeida, Luís G. Almeida, Fernando O. Correia, Amílcar S. Ramos, Carlos Alberto Costa, Horácio Ferreira, José Orlando Fonseca e Henrique Alberto Coelho. CAMINHEIROS: José Henrique Moreira (passagem de divisão) e Jorge Augusto Moniz Silva. Testemunhou as cerimónias o Rev. Pároco, Pe. David Botelho do Couto, que obsequiosamente colaborou também com o Chefe do 52 na «Velada de Armas» realizada na noite anterior.

Os rapazes do «52», com as respectivas bandeiras, fizeram a guarda-de-honra ao altar-mor, durante a missa que se seguiu às promessas.

Para complemento desta actividade, houve uma reunião de escoteiros, famílias e madrinhas, na Cantinha da Escola Infante D. Henrique, gentilmente cedida pelo Sr. Director Escolar, onde foi servido, pelos novos Escoteiros, um lanche oferecido pelas madrinhas.

Caracterizou-se a reunião por um acentuado cunho de boa disposição, com muitas canções, anedotas, pantominas, etc., tendo de início dirigido a palavra aos novos escoteiros, pais e madrinhas, o Chefe Moniz Silva do «52» e o Secretário do Grupo, Caminheiro prof. Leopoldino Tavares. Dirigiu ainda uma alocução aos seus companheiros, o Escoteiro Henrique Alberto S. Luís.

Fraternal dos Antigos Escoteiros

Na tarde do dia 23 — Dia de S. Jorge — o Núcleo de Angra do Heroísmo da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal presidido pelo respectivo Delegado nos Açores, Jacinto dos Reis Moniz Silva, reuniu-se no seu jantar anual, no Restaurante «Beira-Mar» de Angra do Heroísmo, o qual decorreu num ambiente de franca camaradagem e deu ocasião a recordarem-se inesquecíveis peripécias de actividades escotistas do passado. — C.

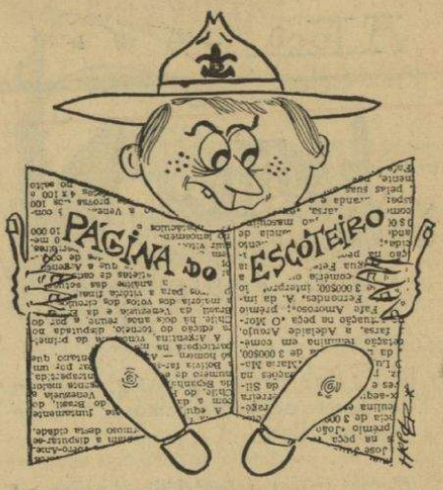
Meu caro Escoteiro:

Tens muita razão! A vida escoteira faz-se no campo, ao ar livre, pela prática constante de exercícios, jogos, excursões, levantamento de plantas topográficas mesmo ligeiras, busca de plantas, minerais e insectos. Podes ainda espiar os animais do campo, as aves, os répteis, fotografá-los, conhecer-lhes os hábitos, etc. Necessàriamente que a vida de campo não é feita só de acampamentos. Uma patrulha ou um grupo pode ter uma vida ao ar livre muito intensa sem fazer grande número de acampamentos. Mesmo os acampamentos — só por acampar — não são vida escoteira. Estes servem para proporcionar oportunidade de permanecer mais tempo na montanha, na campina ou no bosque, com vista a uma actividade mais intensa. Campismo de barriga para o ar *não é, não pode ser, escotismo. Tens, portanto, muita razão quando desejas que a tua patrulha saia para o ar livre. Uma patrulha que passa os meses metida na sua sede, por melhores actividades que aí realize, não faz Escotismo. Escotismo de sala, de palestras, de sessões, etc., sem vida ao ar livre, é uma infeliz imitação do nosso Movimento.*

Sòmente não estou de acordo com a forma como pretendes realizar a tua vontade. Assim não. Deves lutar pela tua maneira de pensar, falar com o teu Chefe, pedir-lhe que promova actividades de campo. No Conselho da tua patrulha proporás constantemente a realização de iniciativas ao ar livre. Se não fores guia de patrulha, pedirás ao teu Guia que lute no Conselho de Guias pela mesma ideia. Procurarás convencer e contagiar os teus companheiros pelas mesmas ideias, mas tudo no maior respeito e disciplina. Tu és Escoteiro!

Espero encontrar-te em breve no campo. Um abraço do dedicado amigo

LOBO VELHO



VAMOS TREPAR

Trepar é um excelente exercício para os músculos, mas nem todos os escoteiros têm habilidade suficiente para subir a uma árvore e ficam penalizados por não o conseguirem.

Vamos descrever um processo, que é uma excelente oportunidade para a tua patrulha se exercitar.

Como material, precisamos dum cabo de 25 a 30 mm. de diâmetro e de três espias de 2 metros de comprimento e de 10 mm. de diâmetro.

Para melhor compreendermos, deitemos uma olhadela à gravura 1.

Como vemos, o escoteiro sobe pela corda à maneira dos guarda-fios, isto é, apoiando os pés e seguro pela cintura.



Grav. 1

Desta forma não há perigo de cair e os escoteiros menos ousados poderão assim perder os seus receios.

Suponhamos agora que a tua patrulha pretende pôr em prática este exercício.

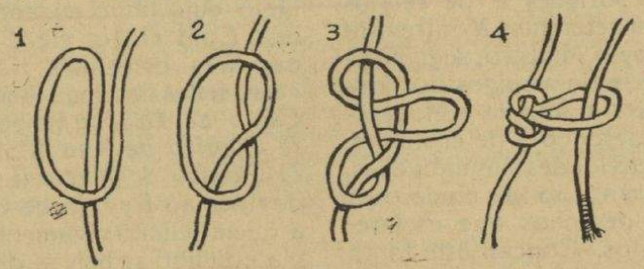
Surge a primeira dificuldade: como atar o cabo no tronco da árvore se ninguém sabe trepar para o prender?

Bom. Vamos lá resolver o caso:

O tronco escolhido, bem forte, fica a 5 metros de altura. Logo, precisamos de um cabo de 12 metros de comprimento.

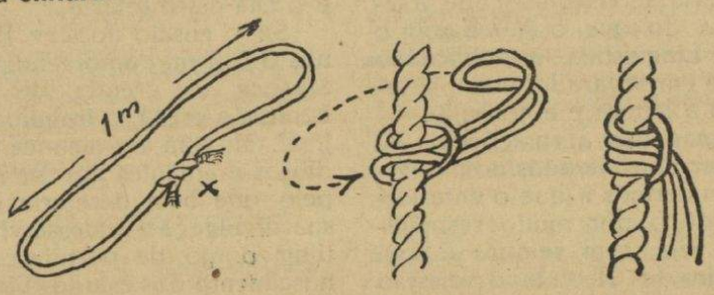
A meio do cabo executas o nó exemplificado na figura 2, só até à terceira parte, ficando por isso uma laçada.

Depois atas uma pedra, ou um objecto pesado, na ponta do cabo e lança-lo por cima do tronco. Se por acaso o cabo não descer, por ser muito pesado, lanças por cima do tronco uma espia fina, que com um peso desce fàcilmente, e rebocas com esta o cabo.



Grav. 2

Seguidamente, enfias o chicote do cabo na laçada (conforme a parte 4, da fig. 2) e puxas com força, de maneira que o nó se vá prender no tronco.



Adaptado de «Speideren» — Oslo

Grav. 3

A VIDA DE BADEN-POWELL



Biografia compilada pelos escoteiros Luís Filipe Gomes e Rui Horácio Macedo e dedicada a escoteiros da 2.ª classe.

(Continuação)

Certo dia, em pleno bombardeamento, B.-P. foi procurado por um rapazito, que disse à sentinela:

— Quero falar ao Coronel!

— Pois vou mesmo incomodar o coronel por causa de um garoto. Se queres alguma coisa escreve-lhe! — disse a sentinela.

Mas o rapaz tanto insistiu que acabou por se encontrar na presença do coronel. A proposta que tinha a fazer era realmente curiosa:

— Chamo-me John Goodyear. Venho pedir-lhe que me aliste no seu exército. Sou pequeno, mas corro muito.

Nunca tal se tinha visto! Mas a verdade é que em 13 de Outubro de 1899, John Goodyear recebia os primeiros galões e um uniforme semelhante ao do coronel. Tinha 13 anos.

Foi este o primeiro escoteiro. Assim que se viu alistado, John começou a recrutar os seus amigos — a partir dos 9 anos — e formou uma patrulha. No inferno da guerra, esses rapazes eram os agentes de ligação, os estafetas e... os espias. John usava uma bicicleta quando ia de estafeta. Certa vez B.-P. perguntou-lhe:

— Olha lá, rapaz! Não sentes medo quando levas os recados? Não tens receio das balas inimigas?

— Não meu coronel — respondeu prontamente — eu pedalo tão depressa que as balas nunca me alcançam!

N. da R. — No último número, na 10.ª linha a contar do fim, escrevemos «Depois fez construir projécteis de acetilene». Deverá ler-se: «Depois fez construir projectores de acetilene»: Pedimos desculpa da gralha.

VAMOS TREPAR

Está fixo o cabo na árvore, agora resta subi-lo.

Como vês, existem duas partes, mas só sobes pela que enfiaste, porque a da laçada serve para desprendê-lo do tronco, pelo que basta dar-lhe alguns puxões.

Agora repara na gravura 3: Faz nas espias de 2 metros uma atadura com o nó direito. Seguidamente, laça-as no cabo, conforme te indica a gravura e ficas com os apoios para os pés e a segurança para o corpo.

A laçada tem a propriedade de, com o peso do corpo, se prender no cabo e sem qualquer peso poder ser elevada à altura que quiseres.

Mãos à obra e força nesses músculos.

PATA DE LOBO

SE O AMIGO TEM UMA FILHA...

...de cinco anos ou conhece uma menina dessa idade, detenha-se um minuto a pensar que dentro de dez anos poderá ser assaltada numa esquina qualquer por esse rapaz maltrapilho que hoje encontrou brincando na rua.

Pense também que ela poderá casar-se com um desses rapazitos de calças apertadas que hoje jogam aos dados; tomam aguardente; trocam do estudo e desprezam a honestidade e a virtude.

E medite, além disso, no facto de que os homens que dirigirão o país no futuro terão de ser procurados nessa geração. Em todo o caso, se estes rapazes, hoje irresponsáveis e esquecidos, não chegarem amanhã ao Governo, ao Parlamento, ao Comércio ou à Indústria, não olvidemos que são eles quem formará a massa que elegerá para essas funções aqueles que se identifiquem com eles.

Não terá feito — possìvelmente com susto — uma ideia do perigoso ambiente que espera essa menina de que falámos, se não nos preocuparmos, o Amigo e nós, em dar-lhe a segurança que ela merece e em garantir-lhe o meio a que tem direito?

Nós temos pensado em tudo e trabalhamos desde há muitos anos para aliviar, de acordo com as nossas possibilidades e com o apoio que recebemos, este problema angustioso.

Se esse «malandreco» descalço e roto — que o Amigo encontrou roubando a antena do seu carro — for educado convenientemente, então sentirá necessidade de se calçar e vestir, comprará sapatos e roupas a quem os venda. Quando esse «valdevinos» conhecer o prazer da leitura, então comprará livros e neles encontrará conselhos e orientação. E desejará para os seus o conforto da civilização e trabalhará para ter uma casa cómoda e limpa: isto significa que comprará, a quem os venda, móveis, artefactos eléctricos, pintura, etc.

Se o amigo fabrica roupas ou móveis, rádios, tem um banco, é engenheiro, dedica-se aos negócios ou simplesmente «quer fazer dinheiro», concorde connosco em que é uma boa inversão, a curto prazo, preocupar-se com a formação integral da juventude.

Todavia, como nem todos têm o tempo livre necessário (e o Amigo é seguramente um desses) é ajuizado encomendar a outros esta iniludível tarefa. Esses «outros» somos nós.

O Movimento Escoteiro é um sistema educativo que tem por finalidade a formação da personalidade dos jovens e a sua educação em responsabilidade. Existe em todo o mundo e é elogiado por quantos o conhecem.

O Amigo não se sente disposto a apoiar-nos e a beneficiar milhares de jovens, salvando, de caminho, a essa amiguita nossa do primeiro parágrafo?

Publicado pela Associação Nacional dos Escoteiros Peruanos

Transcrito do Boletim Scout de las Américas

Têm razão!

À nossa redacção chegaram reparos um tanto indignados pelo facto de terem passado em Lisboa a caminho do Jambori da Grécia, alguns escoteiros de nacionalidade americana e pertencendo a um grupo da mesma nacionalidade, embora com a sua sede em território português, que sobre o uniforme do seu Grupo, com designações americanas, usavam insígnias do C. N. E. e a palavra «PORTUGAL» com as cores nacionais.

Vemos com muita simpatia o facto de irmãos escoteiros americanos seguirem para o Jambori agregados ao contingente nacional, constituído, desta vez, por membros do C. N. E., mas achamos que os nossos informadores têm razão no seu reparo acerca do uso das insígnias e cores nacionais. Aqueles escoteiros nunca poderão representar Portugal. Não sabemos mesmo como os dirigentes do Jambori poderão aceitar a sua inscrição, mas temos a certeza de que a sua presença naquele grande acontecimento causará surpresa e confusão aos escoteiros dos outros países.



Grupo n.º 60 — Vila Real de St.º António

Este Grupo bivacou em 3 de Março na mata local, para tirocínio de provas de classe.

Em 10, os guias e subguias realizaram um passeio de estudo ao sítio de Almada de Ouro, em bicicleta, para obtenção de parte da insígnia de ciclista.

Em 31, efectuou-se novo bivaque, no sítio dos Três Pauzinhos.

Em 4 de Abril, comemorou-se o aniversário do Grupo, com reunião geral na sede e um concurso-relâmpago interpatrulhas.

Em 18 e 19 de Maio, realizou-se o primeiro acampamento deste ano do Grupo, nas proximidades de Monte Gordo. C.

O aniversário da fundação do Escotismo e o Jornal da Madeira

Na página de «Escutismo» do *Jornal da Madeira* de 28 de Maio passado, lemos que «está a decorrer no país a Semana Nacional Escutista que assinala o 40.º aniversário da fundação em Portugal do movimento do cidadão do mundo que foi Baden-Powell», fazendo de seguida diversas considerações sobre os «quarenta anos de Escutismo em Portugal». Noutro local, da mesma página, repete-se a afirmação e, por tanto, não se trata de lapso.

Será possível que os nossos irmãos escutas da Madeira ignorem que o Escotismo com O ou com U, como quiserem, mas essencialmente movimento de Baden-Powell, foi fundado em Portugal há 51 anos?

Admitamos que sim, que ignoram, e, assim, aqui fica o esclarecimento, esperando que aqueles nossos irmãos, como bons escoteiros, se apressarão a fazer a rectificação.

ASSINANTES PATROCINADORES DE "SEMPRE PRONTO"

DE LISBOA — Senhores:

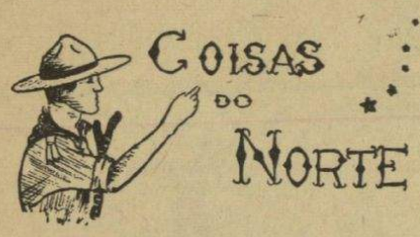
Major Fernando da Silva Caetano
Ernesto de Sousa
António Francisco Xavier de Brito
Eduardo Alberto Alves da Silva
Rui da Silva Paulo
Luís Simões Aurélio
Amílcar Fernandes
Armando Champlon
Wolfgang Karl
Júlio dos Santos Trindade
Dr. Dinis Augusto Curson
Eugénio Ribeiro Nunes
Joaquim Alberto Garrett Lourenço
Eng.º Frederico Oom
Dr. Raul Valentim Lourenço
José Libório Trancoso
Brigadeiro José Alfredo do Amaral Esteves Pereira
Eng.º José Maria Nobre Santos
Daniel Adolfo Duarte Ribeiro Correia
Comandante Álvaro de Melo Machado
Luís Grau Tovar de Lemos
Gustavo Pereira da Costa
Vítor Manuel Oliveira Nascimento
João Patrício de Melo
António Gonçalves
José Luís Simões Ferreira
Helder Pinto Martins
Rev. Paulo E. Vallon
Sigvald Wiborg
José Alberto A. dos Santos
Alfredo Jorge Gallis
Pedro Maria da Cruz Lopes
Dr. Eugénio Henrique Ramos

■

Gerard de Sousa, da Rinchoa
Jacinto dos Reis Moniz Silva, de Angra do Heroísmo
Rui Alberto Martins Campos, de Almada
António Pacheco da Silva, de S. Mamede de Infesta
Jaime A. Assis, da Beira, Moçambique
António Augusto da Silva e Cunha, de Sintra
Francisco do Nascimento Pina, de Olhão
Luís Garcia Inácio, de Queluz
Ireneu Reis Cunha, do Porto
Prof. António Álvaro Dória, de Braga
Francisco da Silva Maurício, de Faro
José Gregório do Carmo, de Tavira
Aires Gomes Dinis, da Póvoa de Sta. Iria
Cristiano Augusto Xavier, de Vila Real de St.º António
Henrique A. Casquilho, de Coimbra
Fernando José Soares Gomes, de Alcácer do Sal
António Frias, de Moimenta da Beira
João Soeiro, de Vila Nova de Gaia
José Ferreira Fernandes, de Vila das Aves
Gustavo Adolfo de Almeida Moreira, de Paço de Arcos
José Dionísio dos Santos, de Queluz
Fernando Rodrigues Ramos, de V. R. de St.º António
Joaquim da Rocha Saraiva, de Matozinhos.
José António Veloso Fernandes, do Funchal.
José Dinis Camacho, de Moçâmedes. Angola
Albino Gomes da Costa Duarte, do Porto

Da Casa Publicadora das Assembleias de Deus recebemos uma gentil oferta de Esc. — 50$00. Também o nosso Patrocinador Sr. Ernesto de Sousa nos entregou uma nova oferta de Esc. — 40$00 e o nosso dedicado amigo Rev. João Pacheco dos Santos nos enviou dos Estados Unidos $1,00. (Esc. 28$30).

A todos estes nossos dedicados amigos, «Sempre Pronto» endereça os seus agradecimentos muito reconhecidos, esperando que outros amigos venham ainda aumentar as fileiras dos nossos patrocinadores, garantindo por esta forma a sobrevivência deste órgão do Escotismo Português.



Comemorações do dia de S. Jorge

Conforme havíamos noticiado, realizou-se no dia 23 de Abril a Festa de «S. Jorge» na sede do Grupo n.º 44, em Vila Nova de Gaia.

Antes da festa, houve uma reunião com os Chefes dos Grupos para tratar de assuntos relativos à Região.

Aberta a sessão, presidida pelo Chefe Sr. Vidal Vieira dos Santos, do Grupo n.º 15, este explicou a lenda de S. Jorge e da personificação do Mal por parte do Dragão.

Seguiu-se depois a renovação dos Compromissos de Honra por todos os Chefes e depois pelos escoteiros, aproveitando-se para descerrar o retrato do falecido chefe do Grupo 44, Sr. Antonio Pinto Moreira, que durante 30 anos prestou relevantes serviços ao Movimento, acerca do qual falou o Chefe substituto do Grupo, Sr. Joaquim Saraiva, que fez a sua biografia, mas, com a voz embargada pela comoção, viu-se forçado a dar a palavra ao Chefe Vidal, que historiou essa prestimosa figura do Movimento, cuja saudade ficou bem vincada em todos aqueles que tiveram o ensejo de com ele trabalhar.

Para finalizar, prestou Compromisso de Honra o aspirante Manuel Francisco da Rocha Saraiva, filho do actual chefe do 44, havendo para este palavras de estímulo para que acompanhe sempre seu pai na missão que já há muitos anos vem prestando em prol do escotismo.

Entoado o Hino Nacional, foi encerrada a sessão.

GRUPO N.º 4

Este Grupo abriu em 21 de Abril a época de trabalhos no campo, tendo realizado o seu bivaque de abertura, seguindo-se no dia 28 o primeiro acampamento da época. Estas actividades decorreram na maior alegria, havendo as respectivas festas de campo, jogos, bem como inúmeras canções escotistas que muito agradaram a todos os convivas ali presentes. *MUDANÇA DE DIVISÃO:* — Por ter atingido a idade regulamentar, passou à Divisão Escoteira o Lobito Manuel Moreira, tendo renovado a sua Promessa. COMPROMISSO DE HONRA: Prestou o seu Compromisso de Honra o escoteiro Elísio, a quem foram dirigidas palavras de incentivo para que se torne um rapaz digno e útil ao semelhante.

O Grupo n.º 4 festejou a passagem do seu 26.º Aniversário

Pela passagem do 26.º aniversário do Grupo, foi levado a efeito, em 22 de Maio último, um sarau recreativo que conseguiu vincar a passagem daquela data e não descurar o tempo por que vai passando aquele Grupo, que algo mais vai fazendo em prol do Movimento.

Foram lembrados com saudade todos os escoteiros que passaram pelas suas fileiras e pela chamada de Deus já se encontram no eterno descanso e os que, ainda escoteiros, se encontram ao serviço da Pátria em terras portuguesas do Ultramar.

Dia de Portugal

Constituiu também animado êxito a passagem do dia 10 de Junho, consagrado ao Dia da Raça.

O Grupo n.º 4, de colaboração com os Grupos da Região do Norte, organizou uma parada com saída da sua sede até ao monumento do Infante D. Henrique, onde foi colocado um lindo ramo de cravos vermelhos.

Usou da palavra o Chefe do Grupo n.º 91, Sr. Arnaldo Eduardo Couto, fazendo uma brilhante alocução e sublinhando o alto patriotismo daqueles que por amor à Pátria sucumbiram nos campos de batalha por um Portugal maior. Os escoteiros não podem esquecer o alto significado deste dia. Entoado o Hino da Raça, foi retomado o desfile até ao centro da cidade onde, depois de saudada a Bandeira Nacional, os escoteiros tomaram o destino das suas sedes, satisfeitos por tomarem parte numa actividade de alta projecção nacional. — *C.*

O 11.º Jambori Mundial

É inaugurado em 1 de Agosto, na Maratona, Grécia



De 1 a 11 de Agosto deste ano, vai realizar-se num dos lugares mais célebres da Grécia antiga o 11.º Jamboree Mundial do Escotismo, acontecimento que reúne escoteiros de todos as partes do Mundo, na já tradicional jornada de fraternidade da mocidade escoteira.

Pretende-se neste Jambori recordar todos os outros dez encontros que anteriormente se realizaram, cujos últimos cinco foram largamente referidos em «Sempre Pronto», especialmente o 6.º, realizado em França; o 7.º na Áustria; e o 9.º na Inglaterra, nos quais esteve presente a nossa reportagem.

Os organizadores do Jambori não só desejam receber contingentes de todas as associações, mas também que os chefes desses países cooperem directamente na direcção do acampamento e dos diversos subcampos. Este plano recebeu geral aprovação, pelo que haverá 12 subcampos, sendo dois com chefes gregos e 10 chefiados por dirigentes nomeados pelos países que tenham tido já um jambori mundial. Foi solicitado à associação das Filipinas para designar o sr. Prudêncio Longcaoun, que chefiou o 10.º Jambori, para que assista ao chefe de campo do 11.º Será assim criado um vínculo contínuo entre todos os Jamboris, no desejo de que este espírito se projecte para o futuro.

Cada chefe de subcampo deverá compartilhar a direcção com um grupo constituído por duas partes: uma constituída por dirigentes gregos, outra das nações participantes.

Espera-se por isso que este Jambori constitua um dos maiores acontecimentos do Escotismo Mundial. Infelizmente, porém, os Escoteiros de Portugal não estarão ali representados. No entanto, o nosso país não estará ausente porque o Corpo Nacional de Escutas enviará uma representação.

A Insígnia do Jambori

A insígnia do Jambori representa um escudo beócio, arma de defesa do escoteiro contra os perigos que o cercam na vida.

Em tempos remotos, os escudos gregos eram feitos, geralmente, de couro esticado sobre uma armação. No centro, que era chamado o coração, o forro sobreposto destinava-se a formar um lugar espesso e invulnerável às setas do inimigo. Os guerreiros daqueles dias tinham, por conseguinte, de ser muito hábeis com os seus escudos para se protegerem, usando o centro, onde eram mais resistentes, em vez da margem.

Eles costumavam decorar este ponto central com símbolos, faces dos seus deuses ou monstros aterradores, para enfraquecerem a coragem dos seus adversários.

A nossa flor de lis (muito semelhante à flor de acanto, motivo do capitel das colunas coríntias nos templos gregos), está colocada ao centro da insígnia, não sòmente para decorá-la, mas também para simbolizar a força dos nossos ideais contra os males e perigos da vida.

O anel que cerca a flor de lis está mesmo no centro do escudo, mostra a força que irradia da unidade escoteira de todo o mundo, trabalhando, juntamente, em benefício de toda a humanidade. Além da inscrição que encima a insígnia e a palavra Grécia em baixo, há dois ramos de oliveira, a arma sagrada de Atena, deusa de Atenas, e símbolo da paz. As cinco folhas de cada ramo representam, em conjunto, os 10 artigos da Lei do Escoteiro, e as três azeitonas, os três artigos da Promessa.

13.ª Conferência Mundial de Escotismo

Após o Jambori Mundial, na ilha de Rodes, a célebre e formosa ilha grega que possuíu outrora uma das sete maravilhas do Mundo, o Colosso de Rodes, uma estátua gigante sob cujas pernas se entrava no respectivo porto, realizar-se-á a 13.ª Conferência Mundial de Escotismo, para a qual o Príncipe Constantino da Grécia aceitou a presidência de honra, tendo sido nomeados presidente e vice-presidente, respectivamente, os srs. C. R. Nichols, da Austrália e Jean Salvaj, da Suíça. O sr. Salvaj, que tem estado presente nas reuniões internacionais realizadas em Portugal, fala correntemente a língua portuguesa, tendo residido algum tempo no Brasil.

Antigos Escoteiros de Portugal

Assembleia Geral da «International Fellowship»

Partiu para Roma, em 21 de Julho corrente, o nosso dedicado amigo Sr. Daniel Correia, que foi representar a nossa Fraternal na Assembleia Geral da Fraternal Internacional de Antigos Escoteiros e Guias.

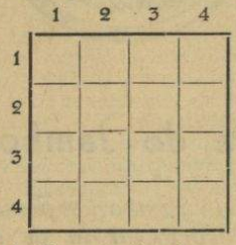
COLUNA DAS CHARADAS

CHARADAS COMBINADAS

1.º: — — + to = animal
2.º: — — + uta = peixe
3.º: — — + na = cúbito
4.º: — — + via = existia

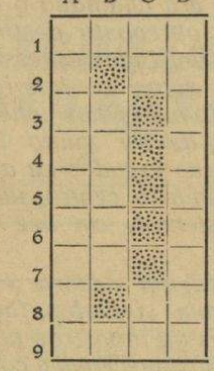
Solução: agrupamento de rapazes dum movimento de juventude.

PALAVRAS AO QUADRADO



1. Recente (fem.)
2. Ondas (prov.)
3. Cova.
4. Membros de aves.

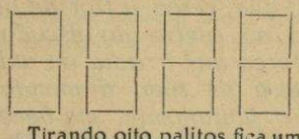
PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais: 1, Une. 2, art. def. pl. 3, Apelido. 4, Atmosfera. 5, Pedra do moinho 6, O (ant.). 7, Não (pop). 8, Vácuo. 9, Oiro.

Verticais: A — União de 2 pessoas de sexo oposto. B — Armadilha. D — Membro dum movimento de educação de juventude.

ENIGMA POR PALITOS



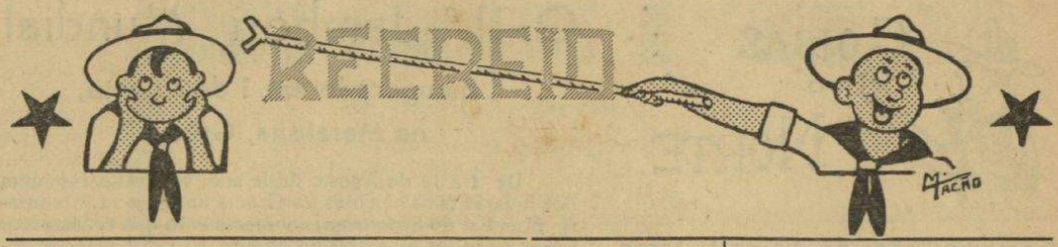
Tirando oito palitos fica um instrumento cortante.

Substituindo os traços por letras, encontrarás o nome da nossa pátria e de algumas das províncias portuguesas.

```
- - - -  - S  - - - - - -
  - - - - E - - - - - -
  - - - - M - - - - -
          P - - - - - - -
  - - - - R - -
- - - -  - E - - -

- - - - - - P -
  - - - - R -
    - - - O - -
    - - - N - - - -
  - - -   T - - -
    - - - O -
```

CARLOS PESCADA
(Angola)



AS DESVENTURAS DO ZÉ ESCOTEIRO



Já não era sem tempo que o nosso grande herói e nosso amigo Zé voltava para nos contar as suas desventuras.

E parece que volta hoje em grande plano, pois segundo consta até foi falado nos jornais que não deixaram passar despercebidos os seus grandes feitos.

HOJE: CANTOR POR CORRESPONDÊNCIA!

O nosso herói, depois de recortar um anúncio e de mandá-lo pelo correio, esperava ansiosamente a resposta.

Dia inaudito aquele em que o Zé, com gáudio do pai, aprendia a dedilhar a viola em ritmo de «twist» e a cantar com voz de cana rachada tal qual como as instruções do curso de correspondência mandavam.

«Cante bem em 3 lições!» — era o que o anúncio dizia — e assim foi, ao fim do 3.º dia o pai convida um amigo que trabalhava na R. T. P. para depois de um jantar melhorado ouvir o seu amoroso filho o «Zé Escoteiro do twist» inédito nome (salvo se houver algum maluco com o dito nome).

Entre gritos, e notas sem dó nem piedade nenhuma, acaba a exibição.

O pai orgulhoso pergunta: — Então gostou? Que acha da execução dele?

O amigo respondeu — Ó homem: sou absolutamente a favor da execução!

O CANTINHO DAS PATRULHAS

> Em Nova Iorque, para se evitarem os erros de identificação dos cães, nas exposições caninas, todos os animais têm uma ficha com a respectiva impressão nasal.

— É uma ideia para os cartões de identificação dos escoteiros da Patrulha Cão... Mas, cuidado com os que têm o respectivo nasal um pouco alongado e lá se rompe o cartão.

> **CÃES — NÃO LADREM!**
>
> O Conselho Municipal de Kesteven (Inglaterra) ordenou a todos os cães da área da sua jurisdição que não ladrem desde as oito horas da noite até às sete da manhã.
>
> Os proprietários têm um prazo de duas semanas para educar os cães; depois, poderão ser multados.

Ora já viram o que têm de ensinar ao vosso companheiro de patrulha... O quê não há nenhum cãozinho de mascote lá no Grupo? Mas, se há tantos cheios de fome e à procura de algum rapazito amigo que o queira, porque esperam? Arranjem um e vão ver se não vai ser divertido nos acampamentos e passeios.

Para começarmos com este cantinho das Patrulhas demos estas notícias, mas gostaríamos de continuar com curiosidades e anedotas das vossas patrulhas. Está certo? Mandem num postal algo que tivesse acontecido na vossa patrulha, na Cão ou na Gato. Esperamos bastantes respostas de todas as vossas Patrulhas. Até sempre!

3.ª COLUNA

...a tal que vai dar que falar

NADA!

■ Quem é que não nada este ano com o calor que vem aparecendo e já não é sem tempo, diga-se de passagem.

Até aqueles escoteiros mais friorentos já saíram da inércia de repouso em que se encontravam e foram acampar.

E a gente miúda, aspirante, que vem aparecendo lá vai aprendendo com o seu chefe, sempre paciente, a bracejar e por fim a nadar correctamente.

■ Mas lá vem o lado triste da questão:

Círculos bem informados, e quase oficializados, não andam por aí a dizer que em Lisboa existe um chefe que não sabe nadar, e por sinal é aquele que devia saber! (Eu só vendo!) Nada! Era a nossa conversa.

■ E a propósito: Que se tem feito para comemorar o Jubileu do Escotismo em Portugal?... Nada! Era até o tema da nossa conversa.

■ E o que se fez no Dia do Escoteiro (dia de S. Jorge)?... Nada, como íamos dizendo.

■ Com respeito à ida duma representação da A. E. P. ao Jambori da Grécia, que há de novidades?... Nada, pelos vistos era o que estávamos a falar.

■ NADA é impossível, e nós os escoteiros dando o «chuto» no (im) tudo tornamos possível.

O repórter de serviço (cada vez mais cínico).

O TEMPO QUE ELES VIVEM

Os elefantes vivem 50 a 100 anos alcançando alguns século e meio.

A idade do camelo é geralmente de 30 anos; o mesmo podemos dizer da girafa.

O leão alcança 15 anos; o seu grande rival, o tigre, chega apenas aos 11. A idade mais ousada destes animais é de 5 anos. Na maioria dos casos a idade avançada converte-os em perseguidores e devoradores de homens, talvez porque lhes seja mais fácil perseguir um bípede do que um quadrúpede.

Os ursos não ultrapassam 20 anos, com excepção dos ursos polares que no seu ambiente de neve alcançam 30. O rinoceronte e o touro podem chegar a 22 anos de idade.

Os burros raramente festejam o seu décimo aniversário...